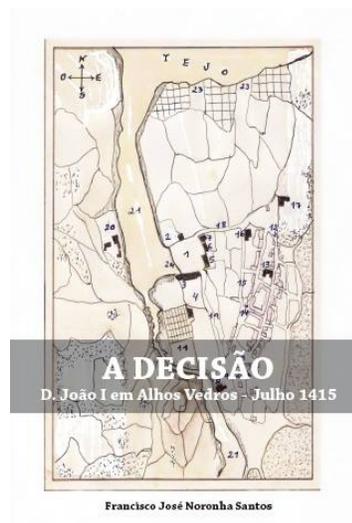


Palavras para apresentação do livro de Francisco José Noronha dos Santos
“Cara Amarela” (sede do CACAV), 9/5/2014, 21,30h



“A DECISÃO”, D. João I em Alhos Vedros – Julho de 1415

1ª Parte

1. Hoje, 9 de Maio, é o dia do 28.º aniversário da CACAV, mais 2 anos de gestação enquanto Grupo de Animação Cultural de Alhos Vedros o que dá 30 anos de vida, um número bem redondo como se vê.

Trata-se de uma data particularmente feliz para apresentação deste livro “A Decisão”, sobretudo, porque o CACAV desde que existe sempre se lembrou de lembrar e comemorar a atribuição da Carta de Foral pelo Rei D. Manuel I em 2014, quando falar sobre história local era ainda pregar no deserto.

Embora não me recorde com rigor da primeira vez que comemorámos o Foral tenho lembrança de termos organizado um Encontro sobre História Local, perto de 1991, ano em que também organizámos um Encontro muito importante sobre a Luta de libertação de Timor face à Indonésia, preparado ainda antes de ter ocorrido o massacre no cemitério de Santa Cruz, acontecimento que, depois, despoletaria todo o enorme apoio que o povo Timorense veio a ter no seu desejo de independência. Desde essa altura, muitas foram as iniciativas que o CACAV teve sobre a importância da nossa história, até chegarmos a estas dignas Comemorações dos 500 anos da carta de Foral que vão decorrendo: Lembramos as publicações de vários livros, da organização de vários Encontros, inúmeros artigos publicados na imprensa local, a edição de um selo sobre os 500 anos com os CTT, coleção de postais sobre o património, etc.

2. Relembre-se mais uma vez que durante todo este ano de 2014 decorrem as Comemorações dos 500 anos de atribuição de Carta de Foral a Alhos Vedros pelo Rei D. Manuel I.

Diga-se que têm estas Comemorações um conjunto de acontecimentos de grande valor que vêm envolvendo toda a comunidade: Conferências, exposições, desfiles, feira medieval, concursos, etc., organizados pelo poder autárquico, escolas, paróquia, santa casa da misericórdia, associações, constituem um Programa de bom nível para relembrarmos a importância e riqueza da nossa história.

Entre estas inúmeras atividades, e aproveitamos para lembrar que no próximo dia 17 de Maio, Sábado, teremos no Moinho de Maré mais um excelente Encontro sobre a nossa História, com duas Conferências de dois dos mais representativos historiadores, investigadores, da nossa praça, José Manuel Vargas e António Ventura, incluímos também a apresentação deste livro de Francisco José Noronha dos Santos.

3. Quanto ao livro, gostaríamos, antes de mais, de o incluir no valioso conjunto de iniciativas que ao longo de todos estes anos, em que o poder local não tem dado a justa relevância à riqueza patrimonial e histórica que temos entre mãos, tem sido desenvolvida por várias pessoas e entidades da nossa comunidade. Falamos, é claro, de várias iniciativas ao nível da dinâmica cultural, da pesquisa arqueológica, de publicações várias, entre outras. E aqui há justamente a destacar a importância que este livro tem, enquanto uma extraordinária iniciativa que nos vem dar a possibilidade de refletirmos sobre esse mui nobre e significativo acontecimento da História de Portugal que ocorreu em Alhos Vedros e que muito bem nos descreve o Francisco neste seu precioso livro. Referimo-nos, como todos sabem, à estadia de D. João I em Alhos Vedros em Julho de 1415 que fará no próximo ano 600 anos, data que indicia que as festas e comemorações não ficarão só por este ano...

2ª Parte

1. Agora sobre o livro

Dizer antes de mais que, como o autor sempre faz questão de alertar, não se trata de um livro sobre ciência histórica, mas antes de um romance histórico e, portanto, mais do âmbito da literatura, do que propriamente da ciência. O que não significa dizer que o autor para o escrever não tenha de ter pesquisado inúmeras fontes para o escrever, porque teve.

E, já agora, aproveitar para desfazer alguma confusão que de vez em quando surge: A história local não pertence só aos historiadores, pertence a quem gosta dela, da sua terra, e também tem orgulho na sua história como é o nosso caso. Se hoje já se vai reconhecendo do imenso potencial que tem a nossa história local, isso muito se deve a livre iniciativas deste tipo, como são a produção deste livro, e que muito têm contribuído para o aumento da visibilidade que a nossa nobre história tem conseguido. Claro que aos historiadores cabe uma parte importante

no rigor que se deverá dar aos acontecimentos históricos, como será esta passagem do Mestre de Avis por Alhos Vedros.

1.1. A Capa

Como se vê a capa do livro apresenta um mapa que terá sido feito na primeira metade do século XVIII, pelo Instituto Geográfico do Exército, e que foi adaptado pelo Francisco para assinalar com legenda os lugares mais significativos de então, em Alhos Vedros, como está descrito no Anexo 2, p.159: o rio, o Largo do Cais, o Largo da Igreja, o mercado, o Palácio de Dom Afonso Conde de Barcelos e seu Jardim, a Casa de Gonçalo Lourenço de Gomide, o estaleiro dos pais do Toino (uma das personagens principais do livro), a Quinta da Graça, a marinha das Senhoras Comendadeiras de Santos, a Rua da Estalagem...

1.2. O Título

“A Decisão”. D. João I em Alhos Vedros – Julho de 1415.

Que “Decisão” de D. João I foi esta? Já todos sabem, não é?

D. João I chegou a Alhos Vedros no dia 19 de Julho de 1415. A Rainha Filipa Lencastre, vitimada pela terrível peste negra que assolou Portugal, tinha falecido e o Rei veio cumprir luto a este lugar da margem sul do Tejo, pensa-se que num Palácio que um seu filho bastardo, Dom Afonso Conde de Barcelos, tinha por cá.

Diga-se já que este seu filho era casado com uma D. Beatriz, filha de D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável do Reino e grande herói de Aljubarrota (agora D. Nuno de Santa Maria depois que foi beatificado).

Durante o curto período em que o Mestre de Avis esteve em Alhos Vedros vieram para tratar de importantes assuntos de Estado os seus filhos, infantes do Reino, aqueles que ficaram conhecidos pela famosa Íncлита Geração. D. Duarte, futuro rei de Portugal, também escritor e poeta; D. Pedro, infante de reconhecido esclarecimento intelectual; o infante D. Henrique, o Navegador, figura de proa dos Descobrimientos Portugueses; D. Fernando, o infante Santo; D. João, condestável do reino.

Foi nesta visita dos Infantes ao Rei que este tomou a decisão de que se partisse para a conquista de Ceuta, marco que costuma ser considerada pelos historiadores como a primeira etapa de toda a epopeia ultramarina que se havia de seguir. Depois, os tais “mundos que demos ao mundo”, como diria Luís de Camões. Em 1486, assinávamos o Tratado de Tordesilhas; em 1498, chegámos à Índia; e em 1500 ao Brasil. Depois, o Tibete, o Japão, a Austrália... E, já agora, lembre-se da farsa que Luís de Camões escreveu, “El-Rei Seleuco”, um drama que decorre com Alhos Vedros em “pano de fundo”.

Então reparem só. Podia ser hoje e aqui. Uma fotografia de família para a posteridade, D. João I, D. Duarte, D. Pedro, Infante D. Henrique, D. Fernando, D. Nuno Álvares Pereira, D. Beatriz... vejam só a plêiade de figuras importantes que estiveram por aqui e ninguém até agora ousou contar tão bem esta importante história como o Francisco faz neste livro. E como é de literatura que se trata lê-se com muito mais facilidade e satisfação do que é habitual acontecer como os documentos mais frios da história. Até por isso, tão importante se torna a divulgação deste livro.

1.3. O lugar da “Decisão”

Onde se terá reunido toda aquela gente importante aqui em Alhos Vedros? Onde teria ficado o Rei nestes dias em que cumpria luto? Onde terá sido dada aquela importante decisão para a História de Portugal?

A partir da descrição que o cronista Gomes Eanes de Zurara, cronista do Reino, faz deste episódio, embora até agora não existam dados que o permitam assegurar com absoluta certeza, o Francisco nas suas investigações inclina-se para que tudo se tenha passado ali no Largo do Cais, no sítio onde está hoje o palacete dos Condes de Sampaio. Talvez sim, talvez não. Há quem fale no palácio da Graça... Esperemos que o rigor dado pelos historiadores e arqueólogos aos seus estudos nos permita um dia permita afirmar com certeza onde terá sido tomada a célebre “decisão”. Uma coisa é certa, com certeza daria o Palacete do Cais Velho um bom lugar para que se pudesse expor todo o espólio já encontrado e produzido sobre a nossa história. E este livro, pelo seu inegável valor, terá lugar com certeza nesse núcleo museológico.

Luís Santos